



Os dois políticos
tinham mais
em comum do que
se imaginava.

EM ABRIL de 1947, dois jovens congressistas dos Estados Unidos, considerados brilhantes políticos em perspectiva, foram convidados para um debate sobre política nacional em McKeesport, na Pensilvânia. Richard Milhous Nixon, republicano de 34 anos, natural da Califórnia, mostrou sua fibra de lutador, desafiando seu elegante e distinto opositor, um democrata de 29 anos, de Massachusetts, em todos os pontos a debater. John Fitzgerald Kennedy recusou-se a «mor-

Kennedy e Nixon: a história por contar

CHRISTOPHER MATTHEWS

der a isca» de Nixon, e, em vez disso, falou diretamente para a audiência, encantando a multidão com a sua fluência serena e seu porte juvenil.

Foram ambos brilhantes, mas o que mais impressionou o moderador do debate, William Baird, foi a amizade genuína dos dois ex-oficiais de Marinha, um saído de Harvard e o outro que gostaria de ter lá estudado. Comeram hambúrgueres e conversaram sobre esportes durante o jantar, compartilhando depois a mesma cabine no trem noturno de volta a Washington.

DICK Nixon e Jack Kennedy tinham ambos ganho as eleições para a Câmara dos Deputados em 1946 e aspiravam galgar cargos mais elevados. Se Kennedy foi o mais sedutor da classe de 46, Nixon foi, sem dúvida, o mais trabalhador.

Embora um fosse democrata e o outro republicano, a rivalidade sobre quem seria, na classe de 46, o primeiro a se destacar era perfeitamente cordial. Kennedy chegou mesmo a indicar Nixon aos amigos como alguém merecedor de atenção. E Nixon, o *self-made man*, que crescerá na mercearia dos pais, sempre se sentiu lisonjeado com a atenção dispensada por Kennedy.

O provinciano da Califórnia e o

elegante de Massachusetts tinham, na verdade, alguma coisa em comum:

Aos 17 anos, como aluno sênior da seleta Escola Choate, John Kennedy organizou o Muckers Club, depois de o diretor da escola, um austero formalista, censurar alguns alunos mais turbulentos que, disse, não estavam imbuídos do verdadeiro espírito de Choate. Chamou-os de *muckers*, termo pejorativo que designava os cavadores de valas de origem irlandesa que trabalhavam nas vizinhanças do *campus*.

Para mostrar seu desagrado, Kennedy reuniu uma dúzia de amigos para engendrar e pôr em execução uma série de distúrbios e perturbar a ordem reinante em Choate. Os Muckers tornaram-se tão populares que a admissão no grupo em breve teve de ser limitada aos ricos demais para serem expulsos. Não muito tempo depois, Kennedy derrotou o presidente do conselho de estudantes num concurso destinado a eleger o aluno de Choate «com mais probabilidades de sucesso».

No outro lado dos Estados Unidos, Dick Nixon entrava para o Whittier College, uma escola quase não muito distante de sua casa, no Sul da Califórnia, descobrindo que a vida social estudantil se centrava em torno de uma elite constituída pelos chamados Franklins. Nixon, que só tinha 17 anos, organizou então uma associação rival, denominada os Orthogonians, que grupava precisamente os alunos rejeitados pelos Franklins — os sem dinheiro, que tinham de trabalhar

CHRISTOPHER MATTHEWS, responsável e apresentador do programa da CNBC «Política com Chris Matthews», é diretor da sucursal de Washington do *Examiner* de San Francisco.

para poderem estudar, e os considerados desajeitados ou sem qualquer interesse especial. Os Franklins reuniam-se em jantares formais; os do novo clube comiam juntos feijão e cachorros-quentes. Em poucas semanas, estes ultrapassavam em número os do clube antes estabelecido, e Nixon acabou por derrotar um Franklin, tornando-se presidente da associação de estudantes de Whittier.

Em sua carreira, ele iria utilizar a mesma política dos Orthogonians. Em 1946, em Washington, falou em nome dos homens das pequenas empresas, descontentes com os liberais favoráveis ao New Deal. Como presidente, seu eleitorado tornou-se a «maioria silenciosa», irritada com os jovens de cabelos compridos, filhos dos privilegiados, que protestavam contra a guerra no Sudeste Asiático.

Não muito depois de Kennedy e Nixon terem entrado para o Congresso, uniram-se contra um adversário comum: os defensores do New Deal. Jack Kennedy sentia a rebelião e desconfiança de um Mucker contra aquela gente; Dick Nixon sentia uma aversão «orthogoniana» em relação à ordem estabelecida. Esta estranha aliança cimentou a amizade dos dois homens durante muitos anos.

QUANDO Nixon concorreu ao Senado, em 1950, Kennedy apareceu no gabinete do republicano para lhe entregar uma contribuição de 1000 dólares em nome do pai. Nixon, atônito, exclamou para seu adjunto, Pat

Hillings: «Não é formidável?!» De fato, era. Um democrata atravessara o fosso político para ajudar um republicano.

Kennedy aprovou, entusiasmado, a decisão de Dwight Eisenhower de escolher Nixon para concorrer consigo às eleições presidenciais dois anos mais tarde. «Sempre tive certeza de que você iria chegar ao alto», escreveu-lhe Kennedy. «Só não julguei que fosse tão cedo.» Ninguém da geração da Segunda Guerra Mundial conseguira tanto em tão pouco tempo. Nixon era o melhor político de seu tempo, manobrando mais eficazmente que qualquer outro o ambiente de nervosismo da América do pós-guerra. Aos 43 anos, já fora eleito para a Câmara dos Deputados, para o Senado e duas vezes para a vice-presidência.

Em 1953, Nixon e Kennedy mudaram de gabinetes no edifício do Senado, ficando um bem em frente do outro, separados apenas pelo corredor: o novo vice-presidente na sala 362 e o novo senador de Massachusetts na 361. Os dois passariam os oito anos seguintes trabalhando e planejando secretamente suas ambições na mais estreita vizinhança.

AMBOS nutriam certa simpatia pelo senador Joseph McCarthy. Kennedy sentia afinidades com aquele seu compatriota um tanto agressivo e também de origem irlandesa, que namorara sua irmã e de quem o pai se tornara amigo — um homem cuja alma continha uma poderosa força Mucker. Nixon gostava

va de McCarthy pela mesma razão pela qual a elite social de Georgetown o achava imbecil e sem classe.

Em 1954, Kennedy foi hospitalizado para se submeter a uma perigosa operação na coluna, e Nixon passava regularmente pelo gabinete do amigo para se inteirar de sua saúde. O vice-presidente prometeu que, na qualidade de presidente do Senado, não permitiria que a ausência de Kennedy durante oito meses pudesse fazer que o reduzido controle democrático de dois votos passasse para os republicanos. Jacqueline Kennedy ficou sensibilizada e escreveu a Nixon: «Acho que não existe mais ninguém no mundo por quem ele tenha mais consideração do que pelo senhor.»

Quando Nixon ouviu pelo rádio que Kennedy estava às portas da morte (devido a complicações provocadas pela doença de Addison, uma deficiência das glândulas supra-renais), dirigiu-se imediatamente ao gabinete em frente ao seu para se certificar da veracidade das notícias. Mais tarde, um agente dos Serviços Secretos revelou que Nixon dissera: «Pobre Jack, está morrendo. Oh, meu Deus, não permita que tal coisa aconteça!»

KENNEDY não desconhecia que, para suceder ao presidente Eisenhower, teria de derrotar Nixon. «Nós sabíamos que era agora a vez de ele perder», disse Ted Sorenson, assistente de Kennedy, sobre as chances de Nixon ganhar a nomeação republicana de 1960. Mas o vice-presidente

tinha ainda poucas razões para suspeitar de que seu vizinho de corredor constituía uma séria ameaça.

Além do mais, Nixon tinha motivos de peso para crer que o chefe do clã Kennedy o apoiaria, caso o filho não ganhasse a nomeação por seu partido. Pat Hillings ouvira Joe Kennedy dizer a Nixon: «Dick, se meu rapaz não conseguir a nomeação, pode contar comigo.»

EM SETEMBRO de 1960, Nixon preparava-se para deixar o hotel em Chicago, a fim de participar do primeiro debate nacional pela televisão com Kennedy, quando recebeu um telefonema urgente: «Evite a imagem assassina», avisou seu companheiro de corrida, Henry Cabot Lodge. O que este queria dizer era que Nixon não deveria atacar demasiado seu rival, a fim de não suscitar a simpatia do público por seu oponente mais jovem e mais atraente.

No estúdio, antes de o programa começar, Kennedy mal reparou na presença de Nixon. Ao posar para os fotógrafos, Kennedy saudou-o com um negligente «Como vai?». Pela maneira como Kennedy tratou aquele homem que conhecia desde 1947, bem poderiam ser dois completos estranhos. Nixon, por seu lado, pareceu intimidado. A partir do momento em que Kennedy surgiu, monopolizando a atenção dos fotógrafos, Nixon deixou de ser o mesmo homem. Visivelmente diminuído pela aura de ídolo de cinema e pela aparente descontração de seu rival, ele sentou-se de ombros caídos em

sua cadeira, como um homem em retirada antes mesmo de a batalha de sua vida se ter iniciado.

Naquele que foi designado o Grande Debate, Kennedy, que seis anos antes estivera às portas da morte, irradiava vitalidade. O *playboy* irreverente conduziu-se como um verdadeiro estadista. Em tais circunstâncias, a única via que restaria a Nixon para alcançar a vitória seria um ataque direto e implacável, a fim de destruir aquele «escudo protetor» de Kennedy. Em vez disso, porém, ele seguiu o conselho de Lodge.

Num entardecer cinzento de 1963, Nixon escreveu a Jacqueline Kennedy: «É sempre com um sentimento de felicidade que lembro o fa-

to de que Jack e eu éramos amigos quando entramos pela primeira vez para o Congresso.»

Mas, afinal, foi a rivalidade Nixon-Kennedy que definiu aquela época: uma competição entre um homem favorecido pela fortuna e outro que dependia apenas de suas capacidades. Na verdade, o que John F. Kennedy e Richard M. Nixon mais tiveram em comum foi a ambição: ser o maior e o mais jovem líder dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Cada um, à sua maneira, conseguiu que essa época fosse inexplicável sem sua atuação. A concorrência entre ambos mudou dois políticos de grande envergadura, e também uma nação.

CONDENSADO DE «KENNEDY & NIXON», © 1995 DE CHRISTOPHER MATTHEWS, PUBLICADO POR SIMON AND SCHUSTER, NOVA YORK. FOTO: © DE UPI/BEITMANN



De todo o coração

DURANTE um passeio sem destino nem mapa por Nova York, eu tentava encontrar um caixa automático para retirar dinheiro quando bati noutro carro. Sentada à espera de que a polícia chegasse, eu olhava cansada através do pára-brisa fustigado pela chuva.

Conforme as pessoas iam se juntando, um jovem bronzeado me bateu na janela, passando um cartão através da fresta. Anthony, de uma garagem de automóveis. Acontece que eu estava em Sheepshead Bay, Brooklyn, e Anthony garantiu-me que tudo se resolveria. Gabando-se da superioridade de sua firma, ganhou minha confiança com esta saída: «Vai adorar Angelo, meu patrão. Apesar de ter 53 anos, tem o coração de uma moça de 23!»

«Que idéia encantadora», pensei. «Como reflete bem a alma italiana! Estou claramente nas mãos de poetas e de anjos. Mas por que 23 anos e não, por exemplo, 29? Que importa!» Decidi não me preocupar. Na garagem, acabei por conhecer o jovial Angelo, que, quando pressionado por Anthony, me contou os pormenores de sua recente operação durante a qual lhe fora feita a transplantação (sim!) do coração de uma mulher de 23 anos.

— Sally N. Brooke, citada por Ron Alexander em *The New York Times*